

O HERALDO

SEMENARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR=LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 93 e 97

Anuncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS (Semestre, 70 centavos (700 réis) Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

Aos nossos distintos colaboradores e informadores: aos nossos assinantes, anunciantes e ao publico em geral: aos nossos colegas da imprensa periodica de todos os matizes e a todos quantos tem auxiliado quer directa quer indirectamente este jornal deseja boas festas,

LYSTER FRANCO, DIRECTOR DE «O HERALDO»

A Noute do Natal

Eis o presépio de Belem! Os misterios em tão pequeno espaço contidos, adoram-se com o silencio! Adoremos-los!

Mas como o dia é de jubilos e boas festas, chamemos pelos nossos camponeses, como os Anjos chamaram pelos da Judéa, para que venham primeiro adorar, como nós, e depois alegrar-se com ufania!

Não foi nos palacios, não foi em Roma, não foi no Capitolio, que o Filho do Senhor de tudo quiz nascer; foi nos campos, foi na mais rustica pouzada; não entre principes, senão entre pobres: os animaes symbolos da lavoura e do trabalho, lhe fazem côrte.

Os primeiros convocados para o verem, os primeiros que o louvam e o beijam, e o querem, são os pastores!

Os primogenitos do Céu, fostes vós, e sois o ainda, homens simples e laboriosos. Os das pompas, os da riqueza, os da ciencia, virão tambem prostrar-se a este Menino, que enobrece a tudo quanto se prostra; virão; que o destino delé é a dominação universal; mas só chegarão depois de vós.

Para vós, bastou um convite melodioso, para eles, será necessária uma revolução nos astros. E os enfim—os reis!!!

Noute de Natal, quem te não ama! Noute das virgens e das mães! Dos meninos e dos velhos! Dos camponeses e dos soberanos!

Qual será o coração, que tu não alvoroças?!

Até o incrível se alegra vendo refulgir no meio das trévas o templo inflorado; e escutando-lhe os cantares triumphaes!

Do alto dos campanarios rebentam a porfia o repiques, luctando com os ventos impetuosos do inverno, e vencendo-os, e indo levar uma saudade, ainda suave, ao leito solitario do paralitico!

Toda esta musica, toda esta claridade, todo este calor, toda esta vida, no coração do inverno, e á meia noute, condizem com uma religião, que venceu o inferno, os céus, os deuses; que triumphou, triumphou e triumphará sempre, dos temporaes e da perseguição, das trévas da ignorancia, e das trévas, muito mais trévas, da presunçosa ciencia.

Sim, sim!

O presépio, tal como ainda ao presente o vemos reluzir alumado, até por sótãos e cabanas; o presépio, com todos os seus chamados anacronismos, com os seus castellos artilhados, os seus monges, os seus romanos antigos, os seus pastores modernos, os seus camélos carregados de ouro, as suas gentis damas e os seus pavilhões campestres ingleses, embora nescios o commentem por delirios, e absurdos

artisticos, é a mais verdadeira de todas as historias, e de todas as profecias a mais infalivel: é um espelho longinquo, no qual todos os pontos da Terra e todas idades se estampam, convergindo para a adoração do Creador Universal.

Antonio Feliciano de Castilho.

Cronica citadina

NATAL

Em Belem, quando nascem Jesus, apesar de ser de noite, o céo tornou-se tão brilhante com se fosse dia.

E lá da banda do oriente o astro luminoso... muito luminoso; que conduzia os Magos, reluziu no eter...

E todos os inimigos se reconciliaram. O tigre passeou ao lado da ovelha. O cão dormiu junto da pantera. Os lobos pastaram com os doces cordeirinhos...

E os pastores admiravam, boquiabertos,

...os, tantos prodigios, quando, deslumbrante de brancura, um anjo muito lindo, igual em beleza aos que figuram nas formosissimas miniaturas do «Hortus deliciarum», lhes appareceu entre nuvens luminosas, e, aquietando-os com o seu gesto angelical, lhes disse com uma voz feita de maviosissimas harmonias:

—Nada receeis... Nasceu o Redentor!

E, a estas palavras, como se executassem um extranho bailado, todas as estrelas, fulgindo muito... muito, na amplitude do céo, correram a encimar o presépio...

AFONSO DE ALBUQUERQUE

Passou ha dias o centenário do grande Afonso de Albuquerque, o sublime visionario que, com a sua espada refulgente, sonhava talhar para a sua e nossa Patria o maior imperio do mundo.

Guerreiro intomavel, dos maiores que tem tido a raça portuguesa, assinalou nas muralhas de Goa, de Malaca e de Ormuz as suas garras de conquistador, egualando-se nos feitos aos maiores generaes da antiguidade.

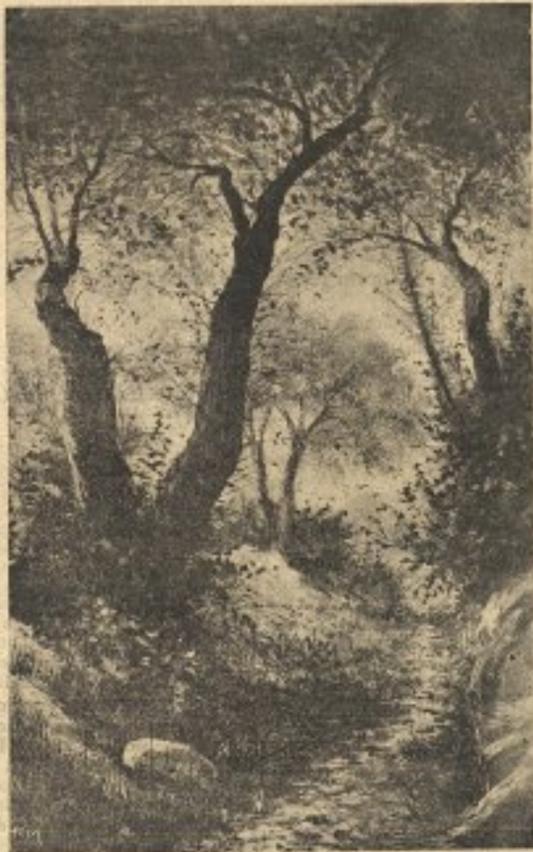
Poupado pelos pelouros e bombardas, pelos virotes e azagaias dos mouros, a ele, o Terribil, matou-o o peso da ingratidão do rei seu amo, que não quiz liberta-lo da atmosfera de intrigas e de odios em que os seus contemporaneos o envolveram.

Mas a sua fama ficou, segue impercível através das idades, cantada pela sonora tuba epica de Camões:

...Albuquerque o terribil, Castro forte, E outros em quem pder não teve a morte...

LYSTER FRANCO.

O Algarve Pitoresco



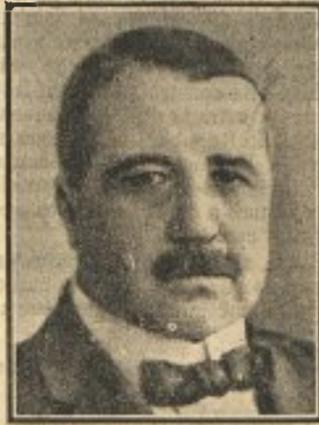
Estimada. Anho—Quadro de Lyster Franco, pertencente ao sr. dr. Alfredo de Magalhães Barros

Governador Civil

Já tomou posse do lugar de Conservador do Registo Predial da comarca de Lomé, o sr. dr. Joaquim da Ponte, illustre Governador Civil deste districto.

O acto realison-se no dia 22, sendo muito concorrido por parte dos amigos pessoais e politicos do sr. dr. Joaquim da Ponte, que foi muito felicitado.

O NOVO GOVERNO



Norton de Matos, Ministro da Guerra



Alfredo Costa, Ministro da Marinha

A Festa da Familia

Deixemos serpear a onda do materialismo baixo e repugnante; deixemos que maus profanos descoroem todas as cabeças sublimes; assistamos placidamente á inutilisação de todos os ideaes risonhos e serenos; as almas delicadas hão de sobrenadar constantes, e aspiram elluvias que só elas comprehendem e sentem.

Não ha camartelo que possa derrubar o ninho poetico, onde se abrigam estas aves.

No meio das tempestades humanas, as azas da meditação encolhem-se timidas, mas voando por horizontes em fóra, o silencio torna-se profundo, a melancolia ergue-se; um vago perfume circunda-nos; e enlevando nessa saudade que ninguem sabe de onde vem nem onde termina, o coração dilata-se, ufana, como a vela candida de um batel em pleno mar, afagada pelos beijos do vento.

O dia de hoje obriga-nos a cismar um pouco.

Ha nele a solenisação do maior de todos os factos sociais.

Era o mundo um tumulo, sobre cuja campaa ainda não viera sentar-se o anjo meigo da esperanza.

A consciencia universal estremeceia ao contacto das máximas abjectas e dos desvarios mais ferozes. Nenhum altar arri-mo, nenhum simbolo conforto, nenhuma crença balsamo piedoso, nenhum sacerdote amigo e irmão.

As velhas religiões ou se esfacelavam hediondamente nos seus abismos de sensualidade brutal, ou escondiam a sua avidez sob as formás reverenciadas do enigma.

A ostentação universal respondia a escuridão do misterio.

Nenhuma fé pura, nenhum sentimento moral descia a alumiar os pobres e os pequenos.

Pobres e pequenos eram todos; pobres de justiça, de direito, de liberdade, de honra; pequenos no entusiasmo, na dedicação, na caridade, nos anos.

Apenas uma ou outra vez, por entre o rumor das sociedades que desabam se podia ter escutado a voz de algum «rabi» da yugabunda Israel, clamando em nome de Deus contra os vicios dos homens.

Nesses dias de desalento, de viuvez, de nostalgia sinistra, o paraizo era para todas as raças o sol que se escondia e não uma aurora que desabrochava. Nesse tempo divagava sosinho sobre as colinas de Nazareth um moço pallido e cismador, que os velhos observavam com respeito e que as crianças contemplavam sorrindo.

Gostava Elle da solidão, das arvores e das montanhas.

Ao cair da tarde era certo vê-lo com os olhos alongados sobre o Carmelo, pelos montes de Gelboé, perdidos nas emnencias bojantes do Tabór, ou mais ao largo, mergulhando os na ribeira do Jordão, tristes e marejados de lagrimas.

Tinha esse olhar a candura do das pombas, e ao mesmo tempo o brilho intenso do da aguia.

Desenrolava-se perante Elle o campo

imenso da Palestina, seco, esbrazeado e calido. E o Nazareno, de cabelos louros, e fluctuantes, deixando voar o seu espirito divino por cima dos homens e dos factos, fecundava a grande obra do amor preparava o enorme amplexo de todos nós que somos irmãos—plexo que Elle deu, estatelando na cruz os seus dois braços abertos, e ficando assim para memoria de ingratos.

Se acaso a Humanidade, num desvaivramento de orgulho, pedesse deixar de imprimir o beijo do respeito no chão do horro que Elle orvalhou de sangue, o Cristianismo viveria sempre refugiado nos corações que amam, nos peitos que batem apressados pelas ancias do ideal. O Cristianismo libertou a mulher, santificando a mãe!

O Cristianismo venceu por que era um edificio magestoso assente em tres solidas pilstras:

Liberdade, Igualdade e Fraternidade!

J. C.

O ARQUEOLOGO PEREIRA BOTTO

A cerca do nosso artigo assim intitulado e em que muito nos honramos em prestar homenagem ao illustre homem de ciencia e grande amigo do Algarve, que foi Monsenhor Joaquim Pereira Botto, recebemos do seu sobrinho, o sr. Abel Pereira Botto, a seguinte carta que muito nos apraz registar nas colunas do «Heraldo»:

Alhandra, 21-12-914.

Ex.º Sr. Lyster Franco—Director de O Heraldo:—Faro.

Os numeros do «Heraldo» e a presada carta de V. foram devidamente recebidos, agradecendo a gentileza da offerta dos exemplares que a V. tinha pedido para compra.

Permita V. que aproveite a occasião para agradecer a V., em meu nome e no de minha família, a homenagem com que V. honrou o nosso querido morto nas colunas do seu conceituado «Heraldo».

Se bem que as palavras que V. dedicou a meu tio, sendo bastante gentis, sejam de justiça, muito nos sensibilisaram porque, infelizmente, pouco afeitos estamos a ver fazer justiça a um parente, que tendo sido um bom patriota, um devotado amigo da ciencia, teve, para os tempos presentes, o grande defeito de ter sido um «padre» de pouco lhe valendo no «imparcial» julgamento dos seus concidadãos o facto de, sendo um padre; ter sido sempre um coração aberto aos mais belos ideais e um espirito livre de fanatismo.

Consolador nos é comparar o procedimento de V. Ex.º, director de um jornal do mais radical dos partidos republicanos, dedicando o lugar de honra do seu jornal ao Padre Botto, com o de alguns republicanos—felizmente hão todos—desta vila, que não queendo ver em Joaquim Pereira Botto, o filho illustre de Alhandra, mas somente o

«padre», fizeram apagar o seu nome das esquinas de uma das ruas desta vila, outrora consagrada à sua memoria. Sobre o pedido que V. me faz, vou indagar se entre os documentos de meu falecido tio alguns haverá referentes ao Algarve, os quaes serão postos à disposição de V. Aceite pois V. os protestos da nossa grande gratidão e creia-me

M.º At.º V.º Obg.º
Abel Pereira Botto.

TRIBUNA LIVRE

3. mulher e a ginastica

Na sua excelente secção de Sport, a «Capital» declarava ha dias que a mulher tem direito ao exercicio normal dos seus musculos, á hygiene dos seus tecidos e ao desenvolvimento harmonico de toda a sua organisação nervosa. A «Capital» esclarece o seu pensamento, aduz argumentos e cita autoridades. A conclusão, porém, é a de que a mulher não póde ir muito longe nos seus exercicios de cultura fisica, sob pena de estragar a fôrma. Um dos luminares citados, Ernesto Legouvé, segundo a «Capital», protesta energicamente contra o ensino da ginastica atletica, que desenvolvendo exageradamente os musculos, só deforma a harmonia das linhas na mulher. Esta diz, não deve ter bíceps como o homem, e todos os exercicios violentos que tendam a formá-los, devem ser condenaveis. São condenaveis no ponto de vista estetico e no ponto de vista da economia, tão frágil no organismo feminino, que um nada póde perturbar. «Tudo o que virilisa a mulher, tudo o que nela é manifestação de fôrça, aparece-nos como um contra-senso e como um pecado de lesa-beleza». Na mesma doutrina abundam Jean Réve, o dr. Hericourt e o dr. Charcot. Este, garante ainda a «Capital», não admíte como exercicios fisicos femininos senão aquelles que permitem á mulher parecer-se o menos possivel com o homem. Instintivamente, tem-se horror de tudo o que tende a substituir nas nossas companheiras, nas nossas filhas, nas nossas irmãs a fôrça pela graça, a energia pela docura, a agilidade pela espontaneidade!

Taes são as proprias palavras do sabio e juizo inutil afirmar que estas doutrinas e opiniões me encheram soberanamente as medidas. Eu tenho pela mulher um culto muito elevado para aceitar sem protesto que ela perverta o encanto da sua função na vida até ao ponto de masculinizar-se, barbarisar-se, invadir um lugar que só pertence ao homem e ás suas responsabilidades. Se outras razões não houvesse para tornar a melhor metade de nós mesmos uma creatura mais para ser adorada do que para descer á violencia das nossas atribuições, bastava-lhe o numero de crises a que a natureza a obriga e a tornam tão delicada e sensivel que todo o vigor do nosso braço será pouco para defende-la. A mulher virilizada é uma aberração, como o homem efeminado, o homem *cold cream*, o homem D. Rita. E conforme a um atleta é vedado chamar a parteira para dar á luz um menino, assim á mulher é defeso erguer um peso de cem kilos á altura do nariz. A mulher nasceu para amar e ser amada, mudar os cueiros á especie de póis de a ter concebido e realiado, procurar carinhosamente não abusar da boa fé da innocencia alimentando a menos unida a si do que ao *biberon* (essa fraude da maternidade!); e enfim encaminhar com a candura dos seus olhos, a doçura do seu sorriso, a ternura do seu amor, a incertezas dos primeiros passos e o balbuciar das primeiras silabas. A mulher assim é aquela que eu compreendo e deante da qual religiosamente me descubro. «Tudo o mais é perversão, e como a «Capital» concorda comigo aqui deixo consignado o seu parecer, com a satisfação de quem encontra companheiros de opinião.

Guedes de Oliveira.

A ESTANTE DO «HERALDO»

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O ENSINO INDUSTRIAL

Por D. Sebastião Pessanha.—Sob este titulo e constituindo um belo folheto magnificamente impresso, editou recentemente o sr. D. Sebastião Pessanha a sua interessante e importante obra «O Ensino Industrial» a que em tempos nos referimos.

Não ha duvida de que o sr. D. Sebastião Pessanha é uma das raras pessoas que n'este paiz se interessam pelo desenvolvimento e progresso do ensino industrial e por isso merece os melhores louvores. Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

CULTURAS IRRIGADAS

Assim se intitula um boletim mensal que iniciou a sua publicação em Vila Franca de Xira. É propriedade do sr. José Tomás de Sousa Pereira, tem por secretario o sr. José Maria dos Santos Barreiros e por administrador o sr. Eduardo Julio Cardoso. Apresenta-se excelentemente redigido e propõe-se voltar o complexo problema agrícola. Saldamo-lo muito cordalmente.

AO POVO

Tendo conhecimento de que certos individuos, sem escrupulos politicos, andam propalando que vaer estabelecida uma carreira diaria de correio para Azinhal e Odeleite e, bem assim, que, nesta aldeia, vão ser creadas estações postaes com pessoal remunerado, cumpre-me fazer publico que taes boatos, propositada e levanamente espalhados, são falsos.

E' igualmente destituído de fundamento o boato, pelos mesmos desqualificados personagens espalhado, de que um antigo politico algarvio, hoje oficialmente afastado dos partidos militantes da Republica, conseguiu 5 contos para a construção da estrada do Azinhal a Odeleite, pois a concessão dessa verba que brevemente, vaer ser aplicada na construção de um lanço dessa estrada deve-se, apenas, ao Partido Republicano Português (Partido Democratico), na pessoa do ex-ministro dr. Manuel Monteiro e jámais a qualquer pessoa extranha a esse Partido.

Ficam, assim, desmascarados os boateiros que, á falta de um modo de vida honesta, se lançam a intrujar o povo.

Castro Marim, 22 de Dezembro de 1915.

O Administrador do Concelho,
João de Sousa Carvalho.

REMEDIO FRANCÉS



Os Caminhos de ferro do Sul

Não desistindo do seu proposito, que é, a final o de todos os algarvios e consiste em obter-se para esta provincia um rasoavel serviço ferro-viario, publicou o nosso presado amigo sr. Antonio de Magalhães Barros, importante industrial da Mexilhoeira da Carregação, mais um importante e bem redigido artigo na «Capital» de 16 do corrente.

O limitado espaço de que dispomos não nos permite transcrever o belo artigo do sr. Magalhães Barros, como seria nosso empenho, se na verdade precisassemos convencer os algarvios de que a sua provincia é pessimamente servida pelos caminhos de ferro.

Infelizmente não ha sombra de duvida sobre o caso, que póde resumir-se assim:

Ha nos caminhos de Ferro do Sul:

«Carruagens pessimas, sob todos os pontos de vista; horarios estupidos;—andamento de carro de bois».

A tudo isto dá extraordinario realce: «Pessimas estações, a maior parte com iluminações tumulares, sem abrigos de qualidade alguma e onde as melhores salas apenas servem de dormitorio... aos empregados».

«Ausencia completa de segurança no transportes de mercadorias».

E—por hoje basta.

Terminamos esta breve resenha felicitando o sr. Magalhães Barros pela sua iniciativa e pedindo-lhe para que continue divulgando nos jornaes de Lisboa, as excelentes belezas do serviço dos Caminhos de ferro do sul, visto estar provado que a Imprensa Algarvia nem se dispensa a consideração de umas vagas promessas de serem atendidas as justas reclamações de que ha muito frequentemente formula.

BELAS-LETRAS
Antologia do Algarve

POESIA

NOITE DE NATAL

(CANÇÃO)

VÓZ

Do céu—presépio de luz—
Rola uma voz maguada...
Canta a virgem p'ra Jesus
Toda id Anjos rodeada...

Ai, canta e chora, ao luar
E o Filho lindo a dormir...
Só as Mães sabem chorar,
E ao mesmo tempo, sorrir!

CORO

A Virgem Mãe canta, chorando,
E mira o Filho a dormir...
Com um sorriso triste e brando...
Caem-lhe as lagrimas no mar,
E vão-se em pérolas mudando!

Caem-lhe as lagrimas no mar,
E vão-se em pérolas mudando!

VÓZ

Nossa Senhora, a cantar,
Embalá o doce Jesus
Num berço feito de luz
E de rendas de luar...

E o Filho sonha, entretanto,
Um sonho todo alegria...
Mas nos olhos de Maria
Os sorrisos são de pranto...

CORO

A Virgem Mãe canta, chorando,
E mira o Filho a dormir...
Com um sorriso triste e brando...
Caem-lhe as lagrimas no mar,
E vão-se em pérolas mudando!

Caem-lhe as lagrimas no mar,
E vão-se em pérolas mudando!

VÓZ

Nossa senhora dá mama
Ao loiro e manso Jesus,
Reclinada sobre a cama
Do azul bordado a luz...

Campos, estrelas, luar,
Tudo sorri a Maria!
Vêde o ceo! Olhae o mar!
Tanta luz! Parece dia!...

CORO

E a Virgem Mãe canta, chorando,
E mira o Filho a dormir...
Com um sorriso triste e brando...
Caem-lhe as lagrimas no mar,
E vão-se em pérolas mudando!

Caem-lhe as lagrimas no mar,
E vão-se em pérolas mudando!

BERNARDO PASSOS.

(Do Livro: ADEUS.)

PROSA

GARCIA DE REZENDE

Garcia de Rezende nasceu em Evora em 1470, quando a escola hespanhola dominava na literatura portugúesa. Era trovador muito apreciado nas cortes de D. João II, de quem foi secretario particular; e na de D. Manuel, que o mandou a Roma como secretario da embaixada junto do Papa Leão X. A feição destes monarchas é o desejo de recolher as trovas de outros poetas do paiz e do estrangeiro, que tinham vivido até então, levaram no a coligir o seu cancionero, que foi chamado «Cancioneiro Geral», em que avultam conhecimentos da vida literaria desse tempo apesar da insignificancia literaria

da maior parte das poesias. A contestura das estrophes é muito variada, havendo entre elas muitas dignas de serem adoptadas por sua graça e geito particular, mas a metreficação é bastante irregular e tambem pécca por falta de cuidado.

De Rozende ficou ainda a «Chronica de D. João II» que ele copiou na sua maior parte da de Ruy de Pina; está porém escripta com singeleza e não lhe falta um certo gosto. Deixou tambem a «Miscellanea» especie de chronica rimada dos factos principaes da sua época.

J. J. Costa Macedo.

O NATAL

Como amanheceste risonho e belo, dia 25 de Dezembro!

Depois de brumas e chuviros, surgiste tu, enfim, com ten sol esplendido, ó poetico dia de natal!

Que recordações tão suaves me trazes!

Lembram-me os tempos da minha in-

fancia—saudosa quadra que tão depressa te foste!...—em que eu saltava de contente ao ouvir chiar no tacho as tradicionais rabanadas: lembram-me os bem providos cestos cobertos por alva toalha, que pobres criados de lavoura corriam alegres a levar a suas familias: lembram-me os mimosos presentes—as poéticas consoadas—assunto inextinguivel de chistes e de gracejos: lembram-me a moça ta-

Aqui, neste rincão da Hespanha, cercado de orgulhosos estrangeiros para quem Portugal é um moribundo, quasi inerte, que esperam disputar em sanguinario festim, nostalgico da minha Patria, isolado de uma afeição tenra que vibre irmanada com a minha no patriotismo altivo dos Gamas e Albuquerque, é que sinto em toda a sua grandeza, quão forte é o amor que consagro ao meu paiz; quão amo com cego fanatismo.

1910, data memoravel em que um punhado de heróis, espuma da raça de Nuno Alvares e João de Castro, em arrão titanico, semelhando porcelã gigantesca, invadiram o palacio do traidor Vasconcelos, lançando-o ao pelouro da justiça popular.

Festejais vós, futuras educadoras dos representantes de uma raça de heróis, o heroismo de vossos antepassados, com aquela galhardia e amor patrio espontaneo nos corações que sentem a grandeza nobre do dever cumprido. Bom indicio é este naquelas que hão de ser as educadoras das gerações futuras, naquelas que hão de formar moralmente os homens de amanhã, soldados da nossa Patria, guardiões de nossa bandeira, pilares inatacaveis de nossa independencia. Mostraes com vosso proceder que arraigais em vós os sentimentos patrioticos de Filipa de Vilhena, ao lançar á rua a seus filhos, de lança em riste contra o estrangeiro opressor. Mostraes que pulsa em vós um coração portugúes nobre e altivo como um leão, singelo e carinhoso como uma criança.

Que todas as cabeças se curvem em homenagem ao vosso proceder e que vibrando comumente como uma só moita, repilam com valor temerario, até á morte os que tentarem amesquinhar vosso poderio... porque antes que tudo Portugal é para os portugúes.

Isla Cristina, 9-12-1915.

Almeida Junior.

fula, que por sobre o gelo, que lhe range debaixo dos pés, corre pressurosa á igreja a beijar o Menito e a mostrar o seu lenço novo... são mil e mil as lembranças, que tu me despertas, ó dia que ora despontas.

Como é poetico o passado! Que diferença do presente!... Ainda hoje o criado vaer levar a ampla cestada á familia, que ansiosa o espera; mas já me não parece tão radiante aquela fisionomia... Ainda mutuamente se dão as alegres consoadas; mas já para mim não têm o mesmo valor poetico... Rapazes e raparigas ainda vão no mesmo dia de hoje á missa, estrear o seu futo novo; mas já me não parecem tão alegres... No templo ainda ha canticos e incenso; mas nem aqueles teem a mesma suavidade, nem este o mesmo perfume...

Que será isto?... E' que a realidade é triste: não ha ali a imaginação a colorir de vagas tintas, a realçar de cores mimosas o quadro que divisamos através de misterioso véo!... Ha só a saudade, essa meiga fada, encobrendo com uma das mãos os espinhos, que nas plagas da vida se encontram, para com a outra nos mostrar as flores, que nos encheram de fragancia e perfumes!... Decoram os anos; fazem-se velhos os meninos de hoje, e a fada encantadora lá lhes irá pôr diante dos olhos o quadro do Natal deste anno com a mesma magia de cores, a mesma suavidade de tintas, a mesma brandura de toque!...

E' uma festa cheia de encantos, ó Natal!

E' a festa da innocencia e da candura! A Terra para receber-te, envolve-se em alvo manto de neve; são brancas as camélias com que a menina da aldeia corre afanosa ao templo a adorar o presépio de Jesus; são alvas enfim as vestes do sacerdote, que vaer entoar-te canticos e oferecer-te incensos, ó Deus de bondade, que, despindo-te de icus raios refulgentes, te mostras hoje á creatura na face risonha e meiga de um menino!

Correi com vossos cestinho de flores, ó pastoras, então no império canticos festivos; ó potestades angelicas. Sé toda riso e gala, ó Natureza!

E' nado, enfim, o Libertador das gentes!

Hosanna ao Filho de David...

F. S. C.

Transcrições

O' nosso presado colega «A Revolta» de Lisboa, tem transcrito quasi todas as «Cronicas citadinas do «Heraldo», acompanhando-as com palavras de imerecido honvor para quem as redige!

Tambem «O Provinciano», de Olhão, transcreveu no seu editorial de 19 do corrente o bello artigo «Por amor da Patria», do nosso talentoso colaborador sr. Honorato Santos e que publicamos no n.º 7 do «Heraldo».

Agradecemos penhorados.

